

NO LABIRINTO DE SI: o ensimesmamento e a solidão no *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa

Gabriela Martins

RESUMO: Este artigo tem como finalidade analisar os aspectos do ensimesmamento e da solidão no *Livro do Desassossego*, obra fragmentária de extrema importância do escritor português, Fernando Pessoa. A pesquisa foi realizada através de análises da fortuna crítica pessoana e por meio da leitura minuciosa da obra que compõe o *corpus* deste artigo a fim de encontrar fragmentos possíveis de serem analisados pelo prisma do ensimesmamento e da solidão. Alguns dos nomes que compuseram a fortuna crítica utilizadas neste artigos foram Perrone-Moisés (1982), Coelho (1977), Paz (1996), Zenith (2022), Pizarro (2016) e Lourenço (2008). O percurso realizado perpassa pelas definições das terminologias utilizadas pela crítica pessoana, os aspectos bibliográficos importantes para esse estudo, as definições de solidão e suas representações nos fragmentos do *corpus*, as definições sobre o ensimesmamento e suas aplicações no *Livro do Desassossego* e, por fim, os desassossegos finais do artigo. Pretende-se, a partir de um olhar minucioso para os fragmentos escritos pelo semi-heterônimo Bernardo Soares, problematizar as temáticas da solidão e do ensimesmamento no *corpus* e os comparar com a vida de Pessoa. Desse modo, problematizar as semelhanças e compatibilidades entre Pessoa e Bernardo Soares, ressignificando um dos modos de ler o *Livro do Desassossego*.

Palavras-chave: *Livro do Desassossego*. Fernando Pessoa. Heteronímia. Solidão. Ensimesmamento.

INTRODUÇÃO

E assim sou, fútil e sensível, capaz de impulsos violentos e absorventes, maus e bons, nobres e vis, mas nunca de um sentimento que subsista, nunca de uma emoção que continue e entre para a substância da alma.

(Fernando Pessoa - fragmento 281)

Fernando Pessoa, nascido em 1888 e falecido em 1935, poeta português, filósofo, ensaísta, tradutor, astrólogo, correspondente comercial, precursor do Orfismo, primeiro movimento modernista em Portugal, criador da Revista *Orpheu*¹ e crítico literário, foi e ainda é uma figura relevante tanto para a literatura portuguesa quanto para a literatura universal. O escritor português é famoso por ter criado uma série de heterônimos e também um semi-heterônimo para poder aliviar e diminuir sua “febre de sentir” (PESSOA, 2019, p.26), como Bernardo Soares - semi-heterônimo - escreve em sua obra *Livro do Desassossego*, publicado pela primeira vez em 1982, pela Editora Ática, em Lisboa, com a organização e o prefácio de Jacinto do Prado Coelho e com a coleta e as transcrições por Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha.

¹ Revista literária que antecipou o modernismo em Lisboa, estreada em março de 1915, teve somente dois volumes publicados. Seus colaboradores foram: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Alfredo Pedro Guisado, Armando Côrtes-Rodrigues e Almada Negreiros.

Não há noção de unidade nem individualidade na criação literária de Pessoa e, para o poeta, era preciso ser vários. Segundo o prefaciador do livro *Pessoa Existe?*, Jerónimo Pizarro, “não são partes de um todo, antes expressão de um processo de fragmentação, do qual, nem como princípio, nem como resultado, alguma vez se conseguiria deduzir um todo coerente” (PIZARRO, 2012, p.12). Assim, as leituras das obras do escritor português são plurais, sem tentar desvendar uma unidade e assumindo que “**nos lemos mais a nós do que a Pessoa**” (PIZARRO, 2012, p.17 - grifo nosso). O *Livro do Desassossego* é a obra mais fragmentada do poeta português, também responsável por causar múltiplas leituras, diversas interpretações e desassossegos.

Bernardo Soares e Vicente Guedes são autores do *Livro do Desassossego*. Sendo o primeiro semi-heterônimo, pois é uma variação da personalidade de Pessoa, tema a ser esmiuçado neste artigo, e o segundo, heterônimo, termo que será explicado no tópico seguinte. Sobre Bernardo Soares, o autor português escreve: “É um semi-heterônimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, **mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afetividade**” (PESSOA, 2019, p. 502 - grifos nossos). Já o heterônimo Vicente Guedes, que “suportava aquela vida nula com uma indiferença de mestre” (PESSOA, 2019, p.486), deixou seus escritos para Pessoa:

Fui o único que, de alguma maneira, estive na intimidade dele. Mas - a par de ter vivido sempre com uma falsa personalidade sua, e de suspeitar que nunca ele me teve realmente por amigo - percebi sempre que ele alguém havia de chamar a si para lhe deixar o livro que deixou [parte do *Livro do desassossego*]. (PESSOA, 2023, p.20)

O *Livro do Desassossego*, *corpus* deste trabalho, pode ser caracterizado como um diário semi ficcional póstumo, já que Pessoa faleceu antes de organizar a obra, deixando somente fragmentos dispersos encontrados no Espólio² do autor. Pode ser considerado um diário em razão da disposição de fragmentos ordenados por datas, a depender da edição, que nem sempre são especificadas em dias e meses, e semi-ficcional justamente pela proximidade íntima dos escritos com a vida de Pessoa. Sendo assim, cabe ao editor do poeta português organizar os fragmentos em determinadas ordens, o que, até hoje, rendeu várias edições diferentes, como as de Jerónimo Pizarro (publicada pela primeira vez em 2016, pela Editora Tinta da China Brasil), Richard Zenith (no ano de 1999, pela editora Companhia das Letras) e Teresa Rita Lopes (2015, pela Global Editora). A edição mais recente foi publicada em 2023, pela editora Todavia, no

² Conjunto de escritos e obras de Pessoa encontrados no baú de sua casa em Lisboa e que, ainda hoje, são publicadas matérias sobre novas descobertas de escritas do autor português.

Brasil, tendo como organizador, o professor Jerónimo Pizarro. Além dessas, existem muitas outras edições e, atualmente, a obra também se encontra em domínio público.

A obra em pauta abarca diversos assuntos possíveis de serem estudados, tais como o processo de fragmentação do sujeito moderno, os aspectos do sonho, a solidão e o ensimesmamento. Esses dois últimos temas foram os escolhidos para serem estudados neste artigo por serem vistos como temáticas essenciais dentro da obra e por, curiosamente, estarem ligadas à biografia de Pessoa. Assim, podemos definir como questionamento para este artigo: como se dão as temáticas da solidão e do ensimesmamento no *Livro do Desassossego*?

Esta pesquisa tem como finalidade analisar os aspectos do ensimesmamento e da solidão no *Livro do Desassossego*. A pesquisa será feita por meio de análises bibliográficas, utilizando como respaldo uma fortuna crítica relevante sobre o autor português, sua obra literária e sua vida, utilizadas como subsídios para a análise do *corpus* literário. As edições da obra *Livro do Desassossego* usadas serão a de 2023, organizada por Jerónimo Pizarro e publicada pela Editora Todavia e a de 2019, publicada pela Ciranda Cultural.

Algumas das obras que servirão de aporte teórico-crítico são: *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, de Jacinto do Prado Coelho (1977), *Pessoa: uma biografia*, de Richard Zenith (2022), *Fernando Pessoa: alguém do eu, além do outro*, de Leyla Perrone-Moisés (1982), *O Livro do Desassossego texto suicida?*, de Eduardo Lourenço (2008) e *O desconhecido de si mesmo*, de Octavio Paz (1996).

O estudo do ensimesmamento e da solidão no *Livro do Desassossego* pode permitir compreender em diferentes níveis as proximidades de Fernando Pessoa com seu semi-heterônimo, Bernardo Soares, e, deste modo, a própria vida do autor português, que pode vir a coincidir com alguns acontecimentos descritos no *Livro do Desassossego*. A morte de pai de Pessoa, devido a tuberculose pulmonar, no dia 13 de julho, um mês depois do seu aniversário de cinco anos, em 1893, foi a primeira experiência do escritor com a morte. A esse respeito, veja-se de passagem o fragmento 30, no *Livro do Desassossego*, sobre a morte do pai de Bernardo Soares:

O meu pai, que vivia longe, matou-se quando eu tinha três anos e nunca o conheci. Não sei ainda porque é que vivia longe. **Nunca me importei de o saber. Lembro-me da notícia da sua morte como de uma grande seriedade** às primeiras refeições depois de se saber. Olhavam, lembro-me, de vez em quando para mim. E eu olhava de troco, **entendendo estupidamente**. Depois comia com mais regra, **pois talvez, sem eu ver, continuassem a olhar-me**.

Sou todas essas coisas, embora o não queira, no fundo confuso da minha sensibilidade fatal. (PESSOA, 2019, p.37 - grifos nossos)

Embora a história da morte do pai de Bernardo Soares, ocorrida através do suicídio, não seja a mesma que a do pai de Pessoa, morto pela tuberculose, pode-se comparar algumas sensações, pois é possível que Fernando Pessoa tenha extravasado suas dores, compostas por luto, sensação de abandono, solidão, não pertencimento e tristeza, através de Bernardo Soares no *Livro do Desassossego*. Por razões como essas explicitadas acima, a coincidência entre os sentimentos transcritos através dos fragmentos de Bernardo Soares se assemelham aos possíveis sentimentos de Pessoa em sua própria vida. Com isso, essa pesquisa apresenta importância no que concerne aos estudos pessoanos e da literatura portuguesa.

A primeira parte do artigo trará explicações sobre as terminologias recorrentes nos estudos pessoanos: heterônimo, semi-heterônimo e escrita fragmentária, com intuito de possibilitar a compreensão dos termos utilizados ao longo do artigo e também divulgar a temática associada ao consagrado poeta português. No segundo tópico serão abordados aspectos relacionados à vida de Pessoa, associados à criação de seus heterônimos e à solidão. Na sequência, o próximo capítulo trará discussões sobre a temática da solidão dentro do *Livro do Desassossego*, resgatando o significado da palavra solidão e analisando trechos de alguns fragmentos. O penúltimo tópico será destinado às análises do ensimesmamento no *corpus*, sendo, de início, apresentado os termos conceituais de ensimesmamento e, na sequência, feita análises do *Livro do Desassossego*. Por fim, o tópico dos Desassossegos Finais está destinado às considerações finais do artigo.

“PARA CRIAR, DESTRUÍ-ME”: heterônimo, semi-heterônimo e escrita fragmentária

Criei em mim várias personalidades. Crio personalidades constantemente. Cada sonho meu é imediatamente, logo ao aparecer sonhado, encarnado numa outra pessoa, que passa a sonhá-lo, e eu não.

Para criar, destruí-me; tanto, e exteriorizar dentro de mim, que dentro de mim não existo senão exteriormente. Sou a cena viva onde passam vários atores representando várias peças.

(Fernando Pessoa - fragmento 299)

Em um de seus poemas mais famosos, Fernando Pessoa por ele mesmo, isto é, ortônimo, escreve: “O poeta é um fingidor/ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente.” (PESSOA, 1942, p.235). Segundo Leyla Perrone-Moisés (1982), o poeta português está condenado ao fingimento. No entanto, ao contrário do que prenuncia o poema “Autopsicografia”, citado acima, Pessoa não é um fingidor apenas para seus leitores, para que

“Na dor lida sentem bem,/ Não as duas que ele teve,/ Mas só a que eles não têm.” (PESSOA, 1942, p.235). O escritor português é um fingidor para ele mesmo:

O fingimento seria aceitável se fosse apenas um fingimento para outrem, e se o ator pudesse manter, para si mesmo, sua identidade. Pessoa, no entanto, experimenta a vertigem de assistir, impotente, ao desdobramento da máscara: ele finge que finge que finge... E a identidade é sempre diferida. (PERRONE-MOISÉS, 1982, p.19)

É aí que nasce o “drama heteronímico”. Ainda segundo Perrone-Moisés (1982, p.21): “A heteronímia nascera como aspiração ao universal, como esperança da Unidade”. Através das criações de seus heterônimos e semi-heterônimos, Pessoa tentava a todo custo buscar uma unidade, e nessa busca incessante, o esfacelamento e a fragmentação foram os resultados. Ninguém é Pessoa: “a soma de todos esses *nomes* é o *anônimo*” (PERRONE-MOISÉS, 1982, p.22). Afinal, segundo Octavio Paz (1996), em seu capítulo *O desconhecido de si mesmo*, presente no livro *Signos em rotação*, ao se buscar a pluralidade, “se paga com a perda da identidade” (1996, p.215). E para ele, “toda obra de Pessoa é busca da identidade perdida” (PAZ, 1996, p. 219).

Voltando à Perrone-Moisés (1982), a pesquisadora aponta o fenômeno da perda da identidade do poeta português como “Vácuo-Pessoa”, propondo um vazio dentro de Pessoa, sendo todo ele uma repetição de personas³. A repulsão do poeta português direcionada a ele mesmo gerou a multiplicação de si, a fragmentação, a criação de várias personalidades. Para se afirmar como um, o escritor busca o outro, isto é, os heterônimos: “Ora, em Pessoa, assiste-se à multiplicação do Um graças à força de repulsão inerente à própria essência desse Um (na medida em que, para afirmar-se, o Um precisa de sua negação: o outro)” (PERRONE-MOISÉS, 1982, p.26).

Afinal, o que são os heterônimos e o semi-heterônimo? Chamados também de personalidades ou identidades literárias, “são as impossíveis possibilidades vitais de Pessoa” (PAZ, 1996, p.212). Em outras palavras, o fenômenos da heteronomia é tudo aquilo que o escritor português não pode ser, seja por pressão social, por vergonha, por repressão, por falta de coragem ou por doenças mentais - aspecto esse que será mostrado através de uma carta do poeta português a Adolfo Casais Monteiro, outro poeta português do século XX.

Segundo Pessoa, através de Bernardo Soares, a cada emoção é dada uma personalidade: “Dar a cada emoção uma personalidade, a cada estado de alma uma alma” (PESSOA, 2019, p.34 - fragmento 26), o que já resume bem a construção heteronímica. Os heterônimos são a

³ São representações fictícias da própria pessoa, uma face da pessoa representada por outro ser fictício. Os heterônimos podem ser vistos como personas de Pessoa.

fragmentação da personalidade de Pessoa, mas com estilos, personalidades e vidas próprias. Podem ser chamados de fragmentação da personalidade do escritor português porque todos são intercambiáveis. Pessoa é alguém que se desloca de si mesmo para pensar como se fosse outro, ir além de seu próprio pensamento, desfazer-se de si mesmo e ser outros.

Em relação ao semi-heterônimo, Bernardo Soares é definido como sendo metade persona e metade Pessoa, isto é, uma mera fragmentação do escritor português. Bernardo Soares, um dos escritores do *Livro do Desassossego*, é Fernando Pessoa sem o raciocínio e a afetividade. São nos escritos desse autor que nos baseamos ao investigar o aspecto da solidão e do ensimesmamento, ao passo que ele se aproxima mais da vida biográfica de Fernando Pessoa do que Vicente Guedes, heterônimo e segundo autor do *Livro do Desassossego*.

Para compreender as temáticas apontadas neste artigo, é preciso entender o fenômeno da escrita fragmentária. O que é escrita para Fernando Pessoa, ou melhor, para Bernardo Soares?

Este livro é a minha cobardia [...] Para mim, escrever é desprezar-me; mas não posso deixar de escrever. Escrever é como a droga que repugno e tomo, o vício que desprezo e em que vivo [...] Escrever, sim, é perder-me, mas todos se perdem, porque tudo é perda. (PESSOA, 2019, p.139/140 - fragmento 152)

Para Pessoa e também para Bernardo Soares, a escrita é uma forma de extravasar os sentimentos. O *Livro do Desassossego* é composto por fragmentos, portanto, pela escrita fragmentária. Segundo Marcelo Barbosa Fontes (2007), em seu artigo intitulado *Livro do desassossego por Bernardo Soares: a escrita do desastre*,

Os fragmentos permitem que os fluxos da escrita deslize como um novo plano ou uma nova peça, que, afastada de qualquer modelo de origem ou centro, promovem uma linha transversal conectada a diversas peças heterogêneas, desenvolvendo, então, um movimento aberrante explorado por distúrbios orgânicos, do qual é excluído o sujeito como lugar de poder e ordem, **anunciando novos centros e outras tantas possíveis montagens**. (FONTES, 2007, p.180 - grifo nosso)

Os fragmentos promovem um não-fluxo de escrita e leitura, dando a sensação de desconexão entre eles e, ao mesmo tempo, uma linha fina que liga cada um deles, podendo ser a autoria, a reflexão, a melancolia, a solidão e entre tantos outros, a depender exatamente das possíveis montagens a serem feitas pelo leitor. Essa “escrita do desastre”, Fontes (2007), é a pura expressão das personalidades de Pessoa: fragmentada.

Jair Zandoná (2015), em seu artigo intitulado *O Livro do Desassossego como linguagem - [em] - processo: a [des]construção do sujeito moderno*, associa a escrita com a representação do sujeito. Vejamos:

Respalhada pelo simbólico, a escrita se manifesta a fim de demarcar por meio da linguagem a consciência de sua alteridade, a ausência do outro, bem como a degeneração de si mesmo [...] o sujeito se lançará à representação por meio da escrita. (ZANDONÁ, 2015, p.50)

Ao longo da escrita, Bernardo Soares perde a própria doçura de escrever que havia no começo de seu diário semi-ficcional, pois “Banalizou-se tanto, não só o ato de dar expressão a emoções como o de requintar frases, que escrevo como quem come ou bebe, com mais ou menos atenção, mais meio alheado e desinteressado, meio atento, e sem entusiasmo nem fulgor” (PESSOA, 2019, p.381/382 - fragmento 469). Nesse sentido, através de trechos como esse citado acima, o ritmo da vida de Bernardo Soares é demonstrado no *Livro do Desassossego*. Sobre seu ritmo regular de vida, Zandoná (2015, p.48 - grifo nosso) escreve “O ritmo regular da sua vida, o movimento da cidade, o afã da vida moderna fazem com que **sua visão de mundo seja repleta de ausências, de quase vazios, de solidão que se alarga**”. As tentativas falhas de se preencher a solidão e o vazio da vida de Bernardo Soares através de sua própria escrita podem ser comparados com as tentativas também fracassadas de preencher a solidão e a vacuidade da vida de Pessoa através de suas criações heteronímicas.

FERNANDO PESSOA(S): um ser múltiplo e solitário

*A minha alma está hoje triste até ao corpo. Todo eu me doo,
memória, olhos e braços. Há como que um reumatismo em
tudo quanto sou.*

(Fernando Pessoa, fragmento 449)

Nunca fui senão um vestígio e um simulacro de mim.

(Fernando Pessoa, fragmento 257)

Fernando Pessoa vivenciou momentos como a Primeira Guerra Mundial, em 1914, a Revolução Russa, em 1917, a Geração de *Orpheu*, iniciada pelo próprio autor em 1915, e o Presencismo⁴, iniciado em 1927. Antes mesmo disso, os anos de 1893 e 1894 foram difíceis e significativos para Pessoa, pois dentro de sua própria família, desde cedo, suportou acontecimentos significativos. A morte de seu pai, devido a tuberculose pulmonar, no dia 13 de julho, um mês depois do seu aniversário de cinco anos, em 1893, foi a primeira experiência do escritor com a morte.

⁴ É a segunda geração modernista de Portugal, ocorrida de 1927 a 1940. O nome - Presencismo - carrega o título da revista marco do movimento, a Revista Presença, que foi publicada em 54 volumes ao longo dos anos. Os fundadores da revista e seus principais autores foram: José Régio, Gaspar Simões, Branquinho da Fonseca, Edmundo de Bettencourt, Fausto José e António de Navarro.

Logo em seguida, em 1894, sua mãe, Maria Madalena Pinheiro, conheceu João Miguel Rosa, capitão que viria a ser seu padrasto e “Ver sua mãe tão apaixonada foi uma experiência profundamente perturbadora para Fernando” (ZENITH, 2022, p.73). Maria Madalena casou-se novamente e seu marido, João Miguel, tornou-se cônsul de Portugal em Durban, na África do Sul, local para onde Maria e João se mudaram após o casamento, sem Fernando Pessoa. Apesar da distância, Maria não deixou de se dedicar ao filho e, somente no ano seguinte, Pessoa foi morar com eles em Durban, onde viveu alguns anos de sua infância.

Com a morte do pai e do irmão e com a mudança de cidade, Pessoa enfrentou profundos momentos de solidão e ausências. O autor português “Nunca condenou a mãe por não ter permanecido viúva e enlutada, tristemente “fiel” às memórias do marido e do segundo filho [...] depois que cresceu ele considerou o comportamento dela tipicamente humano e saudável” (ZENITH, 2022, p.76). Apesar disso, para Pessoa, o ato de seguir em frente e a própria mudança eram difíceis e incômodas. Com isso,

Pessoa gerou uma realidade alternativa para a qual poderia se recolher, e de fato fez isso, mas também tentou insinuar partes dela na realidade que compartilhava com as pessoas ao seu redor [...] o mundo em que Pessoa transitava e aquele com que sonhava se entrelaçariam promiscuamente (ZENITH, 2022, p.157).

E pode ser que, de fato, Pessoa, através de Bernardo Soares, tenha extravasado sentimentos inquietantes através de “labirínticos arquivos” (ZENITH, 2022, p.29). Vejamos:

O Livro do Desassossego fala-nos com uma franqueza desconcertante sobre os pensamentos e sentimentos humanos mais secretos. O orador corajoso é Bernardo Soares, o suposto autor do livro, a quem Pessoa apelidou de “semi-heterônimo” - uma variação de sua própria personalidade. Mas, à medida que lemos a obra, **quase parece que Fernando Pessoa, e até nós mesmos, somos variações desse eu inventado**, que expressa com uma precisão assombrosa nossos sentimentos imprecisamente de inquietação e instabilidade existencial, falando não só *para* nós, mas também *por* nós (ZENITH, 2022, p.30 - grifo nosso)

Em *Os muitos desassossegos*, de Pizarro (2016), o autor desenvolve uma teoria de que o sobrenome de Bernardo Soares e de Fernando Pessoa são um anagrama, pois ao trocar a letra R, de Soares, pela letra P - Soapes - transformar-se-ia em um anagrama de Pessoa. Desde aí é possível perceber a imbricação constante e íntima desses dois autores.

A psicanalista austríaca Melanie Klein (1971) escreve sobre a solidão do esquizofrênico e como ela se dá, podendo ser, essas características, observadas de uma maneira bem superficial, próximas às características biográficas de Pessoa, da escrita fragmentária, do semi-heterônimo e do sentimento de solidão e ensimesmamento: “O esquizofrênico se sente inapelavelmente em fragmentos e teme que jamais recupere a posse do seu eu [...] ele se sente constantemente não só reduzido a fragmentos, como confundido com outras pessoas” (KLEIN,

1971, p.139/140). Não há comprovações de que Pessoa sofresse de esquizofrenia ou outra doença mental, mas sim, apenas especulações. Em sua carta a Adolfo Casais Monteiro, Pessoa escreve:

Passo agora a responder à sua pergunta sobre a gênese dos meus heterónimos. Vou ver se consigo responder-lhe completamente. Começo pela parte psiquiátrica. **A origem dos meus heterónimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurasténico.** Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenómenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registo dos seus sintomas. Seja como for, **a origem mental dos meus heterónimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação.** Estes fenómenos — felizmente para mim e para os outros — mentalizaram-se em mim; quero dizer, **não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contacto com outros; fazem explosão para dentro e vivo — os eu a sós comigo.** (PESSOA, 1999, n.p. - grifos nossos)

Segundo o próprio autor português, a origem de seus heterónimos provém de um significativo traço de seus sofrimentos psiquiátricos. Pessoa nomeia a si mesmo de “histero-neurasténico”, isto é, aquele que sofre um quadro de histeria e neurastenia. A primeira, histeria, refere-se a um tipo de comportamento com intensa manifestação de emoções, paralisias e convulsões. Já a neurastenia, manifesta-se pela apatia, tristeza e reprodução dessas perturbações mentais no corpo físico, como dores de cabeça e problemas digestivos. Segundo a psicanalista e pesquisadora Rinalda Duarte (2018, s. p.):

Antonio Quinet (2006) reflete a respeito das mudanças no DSM-IV e no CID-10, destacando as mudanças relativas aos tipos clínicos clássicos eliminados desses manuais: os da neurose (histeria, neurose obsessiva e fobia) e os das psicoses (paranoia e melan-colia), persistindo apenas a esquizofrenia.

Pelo fato de sua avó paterna, Dionísia, sofrer de doença mental, Pessoa sempre esteve em contato com problemas e desordens mentais, além de que os aspectos genéticos também podem ser relevantes:

o estado mental de Dionísia não era uma simples dicotomia. **Ela tinha mais de duas faces**, já que mesmo em seus períodos “ruins” alternava entre retraimento taciturno e erupções verbais exaltadas. Quem era ou onde estava, em tudo isso, a verdadeira Dionísia? **Ou seriam várias Dionísias, diferentes, mas todas genuínas? Para as pessoas que moravam com ela, inclusive Fernando, Dionísia era uma demonstração inquietante e convincente de que múltiplas personalidades podem habitar em um mesmo corpo humano.** (ZENITH, 2022, p.65 - grifos nossos)

São inúmeras possibilidades não provadas pelos pesquisadores de Pessoa. A probabilidade de Pessoa ter tido uma doença mental e ela ter originado seus heterónimos, o poeta ter sido um gênio incompreendido e o autor português ter simplesmente apenas inventado

toda uma realidade literária sem outras razões por trás. No entanto, a solidão de Pessoa é notória em meio aos seus escritos, principalmente no *Livro do Desassossego*.

A SOLIDÃO NO *LIVRO DO DESASSOSSEGO*

*Pedi tão pouco à vida e esse mesmo pouco a vida me negou.
[...] Escrevo, triste, no meu quarto sozinho como sempre tenho
sido, sozinho como sempre serei*

(Fernando Pessoa - fragmento 194)

Como abordado anteriormente, o *Livro do Desassossego* é uma espécie de diário semi-ficcional de Fernando Pessoa, escrito pelo heterônimo Vicente Guedes e pelo semi-heterônimo Bernardo Soares. Eduardo Lourenço (2008), em seu livro intitulado *Fernando Pessoa Rei da Nossa Baviera*, possui um capítulo cujo título é: *O Livro do Desassossego texto suicida?*. Neste capítulo, Lourenço (2008) traz definições possíveis para o *Livro do Desassossego* e, dentre elas, a que se segue o caracteriza do seguinte modo: “[possui uma] narratividade truncada, os seus espaços de ausência, a sua inorganicidade expressiva, oferece ao leitor um texto paradoxalmente contínuo e saturado (deixo de lado o seu caráter reiterativo e obsessional)” (LOURENÇO, 2008, p.113). Tendo como base a noção de ser o *Livro do Desassossego* um texto repleto de fragmentos de caráter obsessional e causador de “um *desassossego* semântico e hermenêutico” (LOURENÇO, 2008, p.113), aspectos emocionais, conflituosos e psicológicos saltam aos olhos.

Neste *Livro* “ficto-realíssimo” (LOURENÇO, 2008, p.115), Fernando Pessoa, criador de Bernardo Soares, um dos escritores do *Livro*, “nos interpela e a si mesmo, sobretudo, se interpela” (LOURENÇO, 2008, p.118). A partir daí, a imbricação entre a figura de Bernardo Soares e a pessoa de Fernando Pessoa vai tomando cada vez mais forma:

Tudo se passa no *Livro do Desassossego*, como se Fernando Pessoa, sob a mal fingida máscara de Bernardo Soares, retirasse toda a ficção às suas ficções, eliminando nelas o que *imaginariamente positivo* [...] para conservar apenas o inverso da experiência que uns e outros, *miticamente encarnam, em suma, a mesma vida, mas nua.* (LOURENÇO, 2008, p.117 - grifos nossos)

Assim, ao dialogar com as temáticas da solidão e do ensimesmamento, diversas comparações entre Pessoa e Bernardo Soares podem ser feitas. Até mesmo alusões entre outros heterônimos de Pessoa podem ser evocados pela leitura e análise do *Livro do Desassossego*, o que não será discutido neste artigo por não ser nosso foco.

o que o *Livro do Desassossego* mostra não é o artifício intrínseco da Heteronímia, mas **o labirinto sem saída de um heteronimismo original de que os heterónimos e a heteronímia clássica que para nós encarnam são ainda, e apenas, superficial e inconsistente manifestação. Se não temesse o paradoxo chocante, até, de certo modo, a sua camuflagem.** (LOURENÇO, 2008, p.124 - grifos nossos)

A chamada “camuflagem” por Lourenço (2008), em que ocorrem a mescla de um heterônimo sobre o outro, pode ser evidente principalmente no que diz respeito a sobreposição de Pessoa e Bernardo Soares. Uma das temáticas que une os dois escritores é a da solidão. A solidão, termo amplamente discutido por psicólogos e filósofos, é um fenômeno que tem sido mais reconhecido nos dias atuais pela relevância na vida da sociedade atual. Ainda segundo Lourenço (2008):

Que este *Livro* é o livro da solidão perfeita, sideral, sem remédio, o diário da total incomunicação acompanhado do modo de emprego autorizado, e só nisso a salvo, se não da melancolia vertiginosa que destila, ao menos da sua versão banalmente narcísica. É um **texto agônico, um texto-agonia** por conta de nada e de ninguém, texto suicidário, **cuja função foi, porventura, a de evitar o suicídio real** a quem nele se escrevia. (LOURENÇO, 2008, p.123 - grifos nossos)

Trabalhar com a temática da solidão no *Livro do Desassossego* é de fundamental importância porque este *Livro* é a repleta representação da “incomunicação” e do monólogo, o que favorece o ensimesmamento. Antes de analisar alguns trechos de fragmentos do *Livro do Desassossego*, é de suma importância definir o que é a solidão. Segundo Ângela de Alencar Araripe Pinheiro e Álvaro Tamayo (1984), existe uma falta de consenso sobre a definição de solidão. Vejamos:

Uma consequência por demais importante desse fato é a ausência de uma linguagem universalmente compreensiva sobre o tema. Ademais, conceituações insatisfatórias surgem e, desse modo, não cobrem a amplitude total do fenômeno da solidão, abrangendo, então, apenas algumas de suas dimensões. (PINHEIRO; TAMAYO, 1984, p.35)

O que Pinheiro e Tamayo (1984) propõem em decorrência dessa ausência de definição concreta, universal e objetiva é a própria definição dos autores, desenvolvida através de muitas pesquisas e reflexões: “solidão é uma reação emocional de insatisfação, decorrente da falta e/ou deficiência de relacionamentos pessoais significativos, a qual inclui algum tipo de isolamento” (PINHEIRO; TAMAYO, 1984, p.35). Neste artigo, optamos por seguir essa definição de solidão apresentada pelos autores, acrescentando, entretanto, a ideia de Craig W. Ellison, mencionado pelos mesmos autores do artigo citado acima:

A solidão [para Ellison (1978)] basicamente refere-se à falta de relacionamento satisfatório para o indivíduo, **estado no qual a pessoa se sente *unattached*; por várias razões, é incapaz de iniciar e continuar relacionamentos significativos**, ou é incapaz de obter satisfação psicológica de relacionamentos que lhe são

importantes.[...] Ellison (1980) menciona que a **solidão não é o mesmo que estar só, uma vez que a solidão é sentir-se só, sentir-se desligado; um desejo insatisfeito de companhia.** (PINHEIRO; TAMAYO, 1984, p.35 - grifos meus)

Tais concepções aproximam-se das de Melanie Klein (1971) à respeito da solidão, em seu livro intitulado *O Sentimento de Solidão: Nosso Mundo Adulto e Outros Ensaios*:

Por sentimento de solidão não desejo me referir à situação objetiva de estar privado de companhia externa. **Refiro-me ao sentimento íntimo de solidão — o sentimento de estar só independentemente de circunstâncias externas, de sentir-se solitário mesmo quando entre amigos ou recebendo amor.** Esse estado de solidão interna, eu acredito, resulta do anseio onipresente de um estado interno perfeito inatingível. (KLEIN, 1971, p.133- grifos nossos)

A definição de solidão adotada neste artigo é baseada nestes dois textos citados: solidão é um sentimento de estar só, de se sentir abandonado, independente da circunstância externa, que pode ser a de completo exílio involuntário ou voluntário, ou a de numerosas companhias. A solidão é um estado interno e mental da pessoa que a sente. E, ainda, a solidão pode ser resultado da falta de conexão satisfatória entre as pessoas, como vivencia Bernardo Soares: “Os meus hábitos são da solidão, que não dos homens”; não sei se foi Rousseau, se Senancour, o que disse isto. Mas foi qualquer espírito da minha espécie - não poderei talvez dizer da minha raça” (PESSOA, 2023, p.243 - fragmento 206) e “[...] um sentimento de desolação sem lugar, de naufrágio da alma inteira [...] Sou uma prateleira de frascos vazios” (PESSOA, 2023, p.366 - fragmento 321). Segundo Jacinto do Prado Coelho (1977, p. 122):

Ninguém mais do que ele [Pessoa] experimentou a sensação pungente de estar condenado à solidão, e condenado não apenas pela superioridade do seu espírito (não encontrava *almas* à sua volta, e daí a “incompatibilidade profunda com as criaturas que o rodeiam” de que se queixa a Côrtes-Rodrigues) mas ainda porque só pelos sentimentos altruístas vencemos as barreiras individuais, e Pessoa, minado pela ação de uma inteligência hipertrofiada, quase não era capaz desses sentimentos.

A personalidade de Pessoa, sua grande inteligência, a superioridade de seu espírito, mencionada por Coelho (1977) e a “incompatibilidade profunda” com outras pessoas fez do poeta português uma pessoa solitária, sem contar com sua infância, que também foi bastante solitária, como já mencionado anteriormente neste artigo. Será o *Livro do Desassossego* um meio de extravasar sua sensação de solidão e de se explicar como um ser solitário?

Dialogando com a citação anterior de Coelho (1977), Bernardo Soares escreve: “Quanto mais alto o homem, de mais coisas tem que se privar. No píncaro não há lugar senão para o homem só. Quanto mais perfeito, mais completo; e quanto mais completo, menos outrem.” (PESSOA, 2023, p.353 - fragmento 311). Neste ponto, é possível perceber que Bernardo Soares ou Pessoa, pois nesse ponto a imbricação desses dois é profunda, colocam-se em um altar de elevação, entendendo-se como seres humanos completos e, por isso, não precisam de outras

pessoas. No entanto, essa visão de ser auto suficiente, coloca-os em profunda solidão e exílio, resultado em pouquíssimas ou nenhuma relação íntima com outras pessoas.

Há muitas contradições ao longo do Livro, o que possibilita a dúvida e a incerteza no que diz respeito aos fundamentos da vida de Bernardo Soares, como, por exemplo: “Tanta inconsequência em querer bastar-se!” (PESSOA, 2023, p.288 - fragmento 244). No trecho apresentado anteriormente, Bernardo Soares insinua ser ele um indivíduo que se basta, no entanto, no trecho do fragmento 244, Bernardo Soares já acredita ser imprudente querer se bastar. As contradições existentes no *Livro do Desassossego* reforçam a ideia do estado mental caótico e perturbado de Bernardo Soares e também de Pessoa. Outra tônica que reforça o estado desarranjado e inquieto de Bernardo Soares e de Pessoa é o ato de se voltar a si obsessivamente, mergulhando profundamente em seus próprios problemas e dores e não enxergando nada além disso. Vejamos sobre esse tema no tópico a seguir.

O ENSIMESMAMENTO NO *LIVRO DO DESASSOSSEGO*

Nunca desembarcamos de nós

(Fernando Pessoa - fragmento 307)

No que diz respeito ao termo ensimesmamento, o professor e pesquisador de filosofia, Victor Renato de Moraes Maia (2019, p.262), em seu artigo intitulado *A crise contemporânea do “ensimesmar-se”*: *uma perspectiva raciovitalista*, defende que “A atual situação humana é de excessos” e, portanto, “O ‘ensimesmar-se’, como nos explicou J. Ortega y Gasset, é o momento reflexivo em que o homem pode distanciar-se racionalmente da circunstância e elaborar um plano para emergir diante desta, efetuando uma ação” (MAIA, 2019, p.269). Para Maia (2019, p.270), só é possível elaborar uma “ação” e “lidar humanamente com qualquer circunstância” ao ensimesmar-se. O afastamento do que o autor chama de “excessos tecnológicos” a fim de se voltar a si é chamado de ensimesmamento.

Desse modo, o ato de ensimesmar-se, nessa perspectiva de Maia (2019), é visto como positivo e benéfico ao ser humano ultra tecnologizado, que se sente mais confortável, segundo o pesquisador, fugindo ao encontro dos aparelhos tecnológicos do que se voltar a si, vivendo constantemente respondendo aos estímulos externos sem, de fato, vivenciá-los: “O homem contemporâneo está mais naufragado do que nunca. Suas ações no mundo são apenas reações, não age pois não ensimesma-se” (MAIA, 2019, p.275).

Apesar da proposta de Maia (2019) ser de extrema relevância para diversos âmbitos da vida, o ensimesmamento abordado neste artigo vai de encontro com essa proposta, pois, o

ensimesmamento que ocorre no *Livro do Desassossego* não é benéfico e é pessimista. À medida que os autores do *Livro do Desassossego*, principalmente Bernardo Soares, autor em pauta neste artigo, ensimesma-se através da escrita, mais hiper focado em si ele se torna, fazendo com que toda a melancolia, tristeza, apatia e outros sentimentos vistos como negativos se expandam, gerando uma catastrofização dos acontecimentos e uma performance negativa e nociva - desassossegada - à escrita.

Neste seu “livro de impressões sem nexos” (PESSOA, 2023, p.342 - fragmento 303), Pessoa, pela dissimulado por Bernardo Soares, escreve:

A presença de outra pessoa - de uma só pessoa que seja - atrasa-me imediatamente o pensamento, e, ao passo que no homem normal o contacto com outrem é um estímulo para a expressão e para o dito, em mim esse contacto é um contraestímulo, se é que esta palavra composta é viável perante a linguagem. (PESSOA, 2023, p.242 - fragmento 206)

Segundo Bernardo Soares, a presença de outra pessoa atrasa seus pensamentos, é um contra estímulo a eles, o que pode promover cada vez mais o afastamento do sujeito narrador das pessoas ao seu redor, resultando em solidão e no retorno a si, isto é, no ensimesmamento. Além disso, Bernardo Soares ainda afirma:

A experiência da vida nada ensina, como a história nada informa. A verdadeira experiência consiste em restringir o contacto com a realidade e aumentar a análise desse contacto. Assim a sensibilidade se alarga e aprofunda, **porque em nós está tudo**; basta que o procuremos e o saibamos procurar. (PESSOA, 2023, p.346 - fragmento 307 - grifos nossos)

Neste trecho do fragmento 307, a presença de outras pessoas, a socialização, além de ser um contra estímulo, citado anteriormente, é também infrutífera para Bernardo Soares. Infrutífera, pois, “em nós está tudo”. Nesse sentido, não é preciso o outro para que o narrador possa compreender e aprender, como é citado no tópico sobre a solidão (fragmento 311). Pode-se perceber a presença da solidão mesclada com o ato de voltar-se a si, ensimesmar-se. Ele se basta nesse fragmento, o que contradiz com o “E não sei o que sinto, não sei o que quero sentir, não sei o que penso nem o que sou” (PESSOA, 2023, p.269 - fragmento 227), pois demonstra insegurança e imprecisão, diferentemente de um sujeito que se basta - este certamente se encontra mais certo e seguro de si. O ensimesmar-se de Bernardo Soares contribui para seu caos mental:

Mas este horror que hoje me anula é mais espaçadamente noturno. É uma vontade de não querer ter pensamento, um desejo de nunca ter sido nada, um desespero consciente de todas as células do corpo e da alma. É o sentimento súbito de se estar enclausurado numa cela infinita. Para onde pensar em fugir, se só a cela é o Tudo? (PESSOA, 2023, p.272 - fragmento 229)

Enclausurado em si mesmo, Pessoa escreve, através de Bernardo Soares: “Nunca consegui ver-me de fora. Não há espelho que nos dê a nós como foras, porque não há espelho que nos tire de nós mesmos [...] estou sempre aqui dentro, na quinta de muros altas de minha consciência de mim.” (PESSOA, 2023, p.255 - fragmento 216). Tais metáforas como: “quinta de muros altas de minha consciência de mim” e “sentimento súbito de estar enclausurado numa cela infinita” revela o ensimesmamento outrora explicado - o estar hiper focado em si, o que gera catastrofização dos acontecimentos.

Desse modo, o ato de ensimesmar que ocorre no *Livro do Desassossego* colabora para a solidão de Bernardo Soares e vice-versa, pois a solidão colabora também para o ensimesmamento. Assim como Bernardo Soares está ensimesmado em si e solitário, Pessoa também se encontrava do mesmo modo, em uma “eterna ausência da minha alma verdadeira” (PESSOA, 2023, p.309 - fragmento 267).

DESASSOSSEGOS FINAIS

As diversas possibilidades de leitura e interpretação do *Livro do Desassossego*, como a leitura pelo viés do processo de fragmentação do sujeito moderno, aspectos do sonho, angústias ou a leitura através do viés da monotonia do cotidiano, nos permite um amplo horizonte de pesquisa. Neste artigo, optamos ler pelo viés da solidão e do ensimesmamento por ser pertinente para a atualidade e por ser relevante e contribuir com a crítica pessoana atual, já que possuem poucos estudos sobre essas temática dentro do *Livro do Desassossego*.

Ao longo do artigo, percebemos a importância de esclarecer o que vem a ser as terminologias utilizadas nos estudos pessoanos, como a heteronomia, a semi-heteronomia e a escrita fragmentária, a fim de elucidar as terminologias utilizadas ao longo do artigo. Além disso, compreender aspectos bibliográficos de Pessoa, como os momentos de abandono e solidão que vivenciou, mostraram-se de extrema importância para o estudo da solidão e do ensimesmamento no *Livro do Desassossego*.

Os momentos de abandono vivenciados por Pessoa, com a morte de seu pai e de seu irmão e com o afastamento de sua mãe, pois ela se casou novamente e foi morar um período em Durban, longe de Pessoa, evidencia a solidão enfrentada pelo poeta desde muito novo. Em uma tentativa falha de preencher os vazios de sua vida solitária, Pessoa, ainda criança, cria heterônimos e, com eles, cria todo um cenário literário existente em sua mente caótica. Em uma de suas criações, o semi-heterônimo Bernardo Soares, Pessoa extrapola suas próprias dores e angústias através da escrita do semi-heterônimo.

Nesse sentido, através da análise minuciosa da fortuna crítica pessoana e de fragmentos do *Livro do Desassossego*, percebemos a importância da temática da solidão e do ensimesmamento na obra em pauta e na vida pessoal de Fernando Pessoa. Além disso, esses aspectos também são essenciais para pensarmos a relação entre Pessoa e Bernardo Soares. Desse modo, permitiu com que compreendêssemos, em diferentes níveis, as proximidades de Pessoa com seu semi-heterônimo, Bernardo Soares. Com isso, esperamos que a pesquisa possa contribuir para os estudos pessoanos e os de literatura portuguesa.

REFERÊNCIAS

COELHO, Jacinto do Prado. Melancolia e destino. In: **Diversidade e unidade em Fernando Pessoa**. São Paulo, Verbo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. p.122-136.

DUARTE, Rinalda. A histeria, de Freud a Lacan. In: **O psicanalista na instituição, na clínica, no laço social, na arte**. v.2, 1ª ed. São Paulo: Toro, 2018, v.2. Disponível em: <https://www.institutoespe.com.br/post/histeria-psicanalise-freud-lacan>. Acesso em: 4 out 2023

FONTES, Marcelo Barbosa. **Livro do desassossego por Bernardo Soares: a escrita do desastre**. Belo Horizonte, 2007. p. 175-181.

KLEIN, Melanie. **O sentimento de solidão**. Tradução: Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1971.

LOURENÇO, Eduardo. O *Livro do Desassossego* texto suicida? In: **Fernando Pessoa Rei da Nossa Baviera**. Lisboa: Gradiva, 2008. p.111-131.

MAIA, Victor Renato de Moraes. A crise contemporânea do “ensimesmar-se”: uma perspectiva raciovitalista. **Sapientia**, [S. l.], v. 75, n. 246, p. 267–283, 2021. Disponível em: <https://erevistas.uca.edu.ar/index.php/SAP/article/view/3621>. Acesso em: 4 out. 2023.

PAZ, Octavio. O desconhecido de si mesmo - Fernando Pessoa. In: **Signos em rotação**. Tradução: Sebastião Uchoa Leite. 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996. p.201-220.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa: alguém do eu, além do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

PESSOA, Fernando. [Correspondência]. Destinatário: Adolfo Casais Monteiro. Carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro, de 13 de janeiro de 1935. In: **Correspondência 1923-1935**. Ed. Manuela Parreira da Silva, Lisboa. Assírio & Alvim, 1999.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2019.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2023.

PESSOA, Fernando. **Poesias**. Lisboa: Ática, 1942.

PINHEIRO, Ângela de Alencar Araripe; TAMAYO, Álvaro. Conceituação e definição de solidão. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 2, n.1, 1984, p. 29-37. Disponível em https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10614/1/1984_art_aaapinheiroatamayo.pdf. Acesso em 05 nov. 2023.

PIZARRO, Jerónimo. Prefácio. In: **Pessoa Existe?** Lisboa: Ática, 2012.

PIZARRO, Jerónimo. Os muitos desassossegos. *Revista do CESP*, Belo Horizonte, v.36, n.55, p. 11-27, 2016

ZANDONÁ, Jair. O *Livro do Desassossego* como linguagem - [em] - processo: a [des]construção do sujeito moderno. **Gavagai - Revista Interdisciplinar de Humanidades**, v. 2, n. 2, p. 42-51, 8 dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/GAVAGAI/article/view/8933/5580>. Acesso em: 01 nov. 2023.

ZENITH, Richard. **Pessoa: uma biografia**. Tradução: Pedro Maia Soares. Companhia das Letras, 2022.